

A SOCIOLOGIA EM ESCOLAS DE SANTA CATARINA⁶⁷

Nise Maria Tavares Jinkings (UFSC)⁶⁸
nitemj@gmail.com.br

Resumo

Este trabalho desenvolve uma reflexão sobre as experiências didáticas praticadas nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Ciências Sociais e de Prática do Ensino de Sociologia, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tomando a pesquisa da realidade escolar como ponto de partida, o trabalho docente com as disciplinas tem permitido construir um diagnóstico inicial da situação da Sociologia no ensino de nível médio da Grande Florianópolis. Este diagnóstico preliminar tem fundamentado atividades de extensão e as reflexões em sala de aula sobre as funções das ciências sociais nas escolas e suas potencialidades educativas. A investigação tem constatado uma situação de precariedade do ensino de Sociologia, apesar da conquista de sua presença disciplinar obrigatória nos currículos do ensino médio do Estado, há cerca de dez anos.

⁶⁷ Trabalho apresentado originalmente no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, junto ao GT: Ensino de Sociologia.

⁶⁸ Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP), Professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

“Há momentos em que a ‘máquina do mundo’ pode acelerar-se, criar outros e novos dilemas e perspectivas”. Com essa frase, Octavio Ianni (2001) refere-se aos crescentes desafios das ciências sociais e do seu ensino nas escolas, na época atual de intensa transformação social e de crise histórica sem precedentes.

Nesse contexto contemporâneo, os movimentos de mundialização do capital e a crise capitalista que se evidencia desde a década de 1970 e apresenta características de uma profunda crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2007), atingem a humanidade no seu todo. São múltiplas as manifestações dessa crise capitalista: a expansão sem precedentes da esfera financeira e dos capitais especulativos; o aumento dos níveis de pobreza e da desigualdade social; a violência urbana quase incontrolável; o crescimento do aparato repressivo do Estado e do sistema prisional; o processo de precarização do trabalho, com a ampliação de uma população trabalhadora subcontratada ou desempregada; os brutais sintomas da crise climática mundial, consequência da destruição veloz da natureza, dentre tantas outras dimensões desse quadro crítico.

Todas essas expressões e consequências da crise contemporânea são tratadas na mídia televisiva e eletrônica, assim como na grande imprensa, como aspectos *naturais* da vida social. Uma verdadeira ofensiva ideológica faz a defesa de um individualismo exacerbado, culpabilizando as populações carentes por sua inclusão precária nos mundos do trabalho e do consumo. Palavras como “empregabilidade” e “competências” aparecem no discurso midiático e são repetidas nos locais de trabalho, nas salas de aula, nas residências. No campo da educação, proclama-se a necessidade de uma formação humana que responda às exigências do capitalismo contemporâneo, chamado de flexível.

Diante desse cenário problemático, indaga-se qual o lugar do cientista social nessa sociabilidade, marcada por uma espécie de esvaziamento do mundo social. É uma situação paradoxal, pois, se de um lado as ciências sociais parecem perder espaço nesse contexto, no qual somos levados a dissociar indivíduo e sociedade, por outro elas se defrontam com o desafio de explicar a dinâmica e as tensões dessa realidade social tingida pela crise.

Nas diversas universidades do país, as reformas curriculares tem buscado responder aos dilemas e desafios formativos trazidos por essas mudanças sociais

aceleradas. Um aspecto importante dessas reformas curriculares é a valorização da licenciatura, que se torna temática investigativa relevante e passa a ocupar um espaço maior na grade curricular. Objetiva-se com isso equilibrar bacharelado e licenciatura em suas funções formativas, rompendo-se com a dissociação histórica entre as duas modalidades.

Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o trabalho realizado nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Ciências Sociais e de Prática do Ensino de Sociologia, disciplinas das últimas fases do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, tem buscado articular atividades de ensino, pesquisa e extensão. As experiências didáticas desenvolvidas nas duas disciplinas abarcam estudos dos processos de ensino-aprendizagem em ciências sociais e dos seus fundamentos teóricos e metodológicos, articulando-os a uma análise da situação do ensino de Sociologia nas escolas de nível médio, que toma a pesquisa como ponto de partida.

A atividade de pesquisa realizada pelos licenciandos, intitulada “o ensino de Sociologia nas escolas da Grande Florianópolis”, objetiva desvelar possibilidades educativas das ciências sociais e, ao mesmo tempo, permitir ao futuro professor compreender as determinações históricas e sociais que marcam a Sociologia no ensino médio. Implica pensar essa realidade de ensino inserida no sistema escolar brasileiro e em uma determinada localidade, com suas particularidades e contradições, respondendo a necessidades historicamente situadas. Isso porque se pressupõem que a escola e a sala de aula possuem uma dinâmica inteiramente articulada a essas determinações mais amplas. Do mesmo modo, o lugar da Sociologia no sistema educacional brasileiro e as possibilidades do seu ensino não podem ser compreendidos sem um entendimento das condições sócio-culturais nas quais se insere o sistema. Portanto, reflexões e estudos desenvolvidos em outras disciplinas do curso, tanto no bacharelado como na licenciatura, são fundamentos teóricos essenciais da investigação.

Nesse sentido, a atividade investigativa contempla uma análise do meio sócio-cultural no qual estão inseridos os educandos, a escola e a sala de aula. Busca analisar a escola a partir da comunidade na qual ela está inserida, tendo em conta as relações sociais, políticas e culturais que se desenvolvem no seu interior. As escolas que vem sendo objeto da investigação empírica ocupam lugar diferenciado no sistema escolar da região e desenvolvem sua prática educativa em situações diversas quanto a recursos e materiais didáticos disponíveis, condições de trabalho dos professores, perfil sócio-

econômico-cultural dos alunos etc. O desafio da pesquisa tem sido o de desvelar as relações entre a situação concreta na qual se realiza o ensino de Sociologia nessas escolas e as condições sociais abrangentes nas quais se situa esse ensino.

As investigações realizadas e os dados coletados tem resultado em um diagnóstico preliminar, que fundamenta atividades de extensão e reflexões em sala de aula sobre as funções das ciências sociais nas escolas e suas potencialidades educativas. Esse diagnóstico revela uma permanência da situação de precariedade na qual se realiza o ensino de Sociologia, apesar da conquista da obrigatoriedade da disciplina nos currículos do ensino médio do Estado de Santa Catarina, há mais de dez anos.⁶⁹ Mas os ganhos da pesquisa empírica mostram também situações criativas de ensino, nas quais professores tentam enfrentar os obstáculos postos por suas difíceis condições de trabalho e pela frágil tradição pedagógica da disciplina de Sociologia.

No novo currículo do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFSC, o estágio docente supervisionado desdobra-se em dois semestres letivos, o que possibilita que se desenvolvam efetivamente suas potencialidades, enquanto exercício reflexivo de aproximação da realidade escolar. Todavia, mesmo no currículo em extinção, no qual o estágio docente ocupa uma carga horária restrita da grade curricular (quatro horas/aula semanais), tem-se buscado realizar esse exercício. Baseada em uma concepção de estágio que articula teoria e prática, a atividade parte de uma reflexão sobre a realidade escolar constituída em campo de estágio, pensada nas suas determinações sociais e históricas mais amplas, mas também nas suas especificidades, quanto a práticas sociais e condições de vida de professores e alunos. É dessa perspectiva que a pesquisa da realidade escolar torna-se eixo desse processo formativo e reflexivo que é o estágio.

Esse trabalho formativo, voltado ao futuro professor de Sociologia no ensino médio, se fortalece com a conquista da presença disciplinar obrigatória da disciplina, em escala nacional. Isso ocorre com a homologação do Parecer 38/2006 do Conselho Nacional de Educação, de 11 de agosto de 2006, que torna obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio de todas as escolas públicas e privadas do país (BRASIL, 2006). O parecer consolida-se em junho de 2008, após aprovação no Congresso Nacional, foi decretada e sancionada pelo Presidente da República a Lei

⁶⁹ A presença disciplinar obrigatória da Sociologia no ensino médio em Santa Catarina foi decretada pela Lei Complementar n. 173, de 21 de dezembro de 1998. A lei dava nova redação ao parágrafo único do artigo 41 da Lei 170/98, que dispõe sobre o Sistema Estadual de Educação.

11.684, que altera o art. 36 da LDB. Em seu Art. 1º. inciso IV, a lei determina que “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio”.

Essa conquista tem reavivado a discussão sobre o ensino de Sociologia nas escolas. Encontros e seminários estaduais e nacionais discutem questões metodológicas do ensino da disciplina e as relacionadas à formação do professor e às condições do trabalho docente. A reflexão acerca dos conteúdos a serem ministrados leva à elaboração de propostas programáticas, diretrizes e orientações curriculares de âmbito estadual e nacional. Publicam-se novos livros didáticos de Sociologia e dossiês sobre a temática são organizados em revistas acadêmicas, enquanto trabalhos de final de cursos de graduação e de pós-graduação nas universidades mergulham na problemática.

Entretanto, os desafios postos para que se desenvolvam efetivamente as potencialidades educativas das ciências sociais nas escolas são muitos e complexos. A trajetória intermitente da disciplina de Sociologia no sistema escolar e sua débil tradição pedagógica demandam uma continuidade e um aprofundamento da discussão coletiva sobre as finalidades formativas da disciplina e suas possibilidades didáticas, tanto nos espaços acadêmicos, como nas escolas e organizações sindicais e associativas da categoria. A par dessa reflexão e mobilização coletivas, urge que se articulem nacionalmente pesquisas sobre os cursos de Licenciatura em Ciências Sociais e a Sociologia no ensino médio, desenvolvidas em universidades e centros de investigação de todo o país, o que permitiria construir um amplo diagnóstico da formação docente na área e do ensino da disciplina nas escolas.

O TRABALHO DOCENTE DE ENSINAR SOCIOLOGIA

Como trabalhadores de todo o mundo atingidos pelos processos atuais de reestruturação produtiva do capital, os professores tem sua atividade laboral marcada pela precarização e intensificação do trabalho. A produção acadêmica da última década sobre trabalho docente⁷⁰ tem analisado as difíceis condições em que se realiza essa atividade profissional, prática social complexa que deve proceder à “mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos,

⁷⁰ Um levantamento da produção acadêmica recente sobre o trabalho do professor encontra-se em MANCEBO (2007).

questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos” (SEVERINO e PIMENTA, 2004, p. 15). Apesar de múltiplas e cada vez mais intrincadas exigências à realização do trabalho do professor no meio escolar, os estudos e pesquisas tem apontado para um processo de pauperização dos professores, submetidos à baixa remuneração, a longas jornadas laborais, ao multiemprego e ao subemprego, a precárias condições formativas e de trabalho.

A indissociabilidade entre qualidade da educação escolar e condições laborais e de exercício profissional, defendida historicamente nas lutas sociais dos professores, ficou mais distante com a política neoliberal, que dominou o cenário da década de 1990 no Brasil e em outros países da América Latina. Pressupondo essa indissociabilidade, as reivindicações dos professores articulavam demandas de melhores salários, jornada remunerada, condições de trabalho e estudo, a questões relacionadas à qualidade do ensino, como democratização interna da escola e desenvolvimento profissional dos professores (PIMENTA, 2002). A fragilização da luta coletiva e a precarização social, que se alastrou e agravou no período, dificultaram a conquista dessas reivindicações.

Em sua prática educativa cotidiana, vivendo as difíceis condições laborais dos trabalhadores docentes, os professores de Sociologia nas escolas enfrentam ainda o desafio de lidar com uma disciplina pouco conhecida, sem uma tradição pedagógica consolidada. Esse desafio é ainda mais instigante pelas singularidades da Sociologia como ciência social que, por seu objeto de estudo – a realidade social em movimento –, é marcada constantemente por controvérsias teóricas e metodológicas em torno das mudanças na vida social. De acordo com Ianni (1997), essa realidade social contemporânea exige novas reflexões, conceitos, interpretações e se constitui em um novo emblema da Sociologia – a sociedade global –, com implicações importantes na pesquisa e no ensino.

Segundo Florestan Fernandes (1978), alguns dos entraves históricos ao desenvolvimento e à consolidação das ciências sociais foram as explicações ou justificações populares a respeito de situações da vida social e a crença, generalizada, de ser o conhecimento do senso comum suficiente para compreender e explicar os fenômenos sociais. Da mesma forma, as concepções religiosas e suas interpretações relativas ao ser humano e à vida em sociedade entraram muitas vezes em choque com as explicações e o tratamento racional conferido pelas ciências sociais, opondo-se a sua legitimação no campo científico. Fernandes refere-se também à potencialidade

obstrutiva das ações de classes ou grupos sociais dominantes, que consideram temerária a análise científica das relações sociais e dos valores que justificam ideologicamente seu poder, tidos como naturais e inquestionáveis.

Esses entraves marcaram a trajetória de institucionalização da Sociologia e sua constituição como disciplina científica, acadêmica e escolar no Brasil. Especialmente no que diz respeito à definição do lugar da disciplina no sistema escolar, ela ocorre historicamente determinada pela correlação de forças sociais em cada período de formação e consolidação do capitalismo no país. Os interesses dos grupos e frações de classe dominantes na sociedade brasileira, em cada época histórica, em grande medida foram definidores de sua presença disciplinar.

Com efeito, nas primeiras décadas do século XX, as elites dirigentes consideravam que a Sociologia era conhecimento científico essencial para a inserção do país no capitalismo mundial. Na época, era tida como uma espécie de técnica de racionalização do comportamento social, sob a inspiração do pensamento positivista. Todavia, em um contexto de radicalização das lutas sociais nas décadas de 1920 e 1930, a Sociologia passa a ser vista pelas camadas dominantes como possível arma teórica de crítica social. Observe-se que ela se distancia das escolas nos períodos marcados por regimes autoritários e ditatoriais, como o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura militar (1964-1985). Em contrapartida, a luta pela incorporação da disciplina como obrigatória nos currículos das escolas se dá em momentos de intensa mudança na vida social e de tentativas de construção de um processo democrático no país.

Nas escolas, essa trajetória descontínua da Sociologia no ensino médio e sua frágil tradição pedagógica ocasionam, frequentemente, um desconhecimento das finalidades educativas da disciplina e a desvalorização de suas potencialidades formativas. Algumas respostas de estudantes de escolas da rede estadual de ensino da Grande Florianópolis à pergunta sobre o que pensam a respeito da disciplina de Sociologia, em questionário aplicado em sala de aula, são exemplares:

A Sociologia tenta ensinar coisas óbvias, que já sabemos (Colégio de Aplicação da UFSC, 1ª. série).

Sem noção, pois cada um tem sua Sociologia, de forma que é impossível chegar a um acordo (Instituto Estadual de Educação, 2ª. série, vespertino).

Quando há discussão sempre há “brigas” pelos ideais de cada um e no fim todo mundo acaba com sua própria idéia inicial, sem mudanças (Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi, 2ª. série, noturno).

Penso que é importante para que cada um possa respeitar a opinião de outras pessoas (Escola de Educação Básica Henrique Stodieck, 3ª. série, noturno).

Ao iniciar seu trabalho pedagógico com a disciplina, o professor necessita estabelecer um diálogo com os educandos, buscando mobilizá-los para a construção do conhecimento escolar no campo específico das ciências sociais e da Sociologia em particular. Isto significa enfrentar a idéia corrente de que é inútil uma disciplina que se volta para o estudo da realidade social na qual vivemos, tida, em uma percepção empírica, como natural e conhecida. Implica, portanto, contrapor o conhecimento científico produzido e acumulado historicamente pela Sociologia ao conhecimento originário do senso comum. Pois, como assinalam Bottomore e Nisbet (1980), a análise sociológica, ainda que partindo das experiências concretas dos homens em sociedade e se originando, em grande medida, de visões de senso comum sobre a vida social, contribui para um entendimento sistemático e totalizante do mundo social pelas conceituações, construções teóricas e métodos científicos que incorpora.

Outra concepção equivocada das finalidades educativas da disciplina de Sociologia, também expressa nas respostas de alguns estudantes, diz respeito à idéia de que as aulas da disciplina devem se restringir a trocas de opiniões sobre a realidade social. Nesse caso, ao invés de conduzirem a um conhecimento sistematizado sobre a vida em sociedade, as aulas seriam tomadas por impressões e saberes derivados da vivência prática de professor e alunos, sem uma problematização ou superação do senso comum particular como explicação única da realidade.

Muitas vezes essa concepção é reforçada pela ação docente de alguns professores, que baseiam suas aulas em textos jornalísticos e selecionam seus conteúdos de ensino a partir dos temas em evidência na mídia. Quando o trabalho didático com esses temas não os articula aos conceitos e teorias das ciências sociais, o que se verifica é a discussão distanciada do suporte teórico da disciplina, que se atém às aparências dos fenômenos. Nesse caso, a atividade resente-se de um planejamento que reúna e articule objetivos, conteúdos e métodos de ensino, reduzindo-se ao debate em torno de um conjunto fragmentário de temas midiáticos. Aproximadamente 30% dos professores de Sociologia entrevistados, vinculados à rede estadual de ensino de Santa Catarina, região

da Grande Florianópolis, desenvolvem seu trabalho docente a partir desse recorte metodológico. Os depoimentos a seguir ilustram essa opção:

O critério que eu uso é sempre procurar nos jornais, na revista Veja, assuntos que estejam ocorrendo na realidade, como o movimento dos Sem Terra, a questão da droga, a questão do adolescente com a natalidade (professor de escola pública, licenciado em História).

Eu gosto e uso muito como material de apoio os livros do Gilberto Dimenstein, inclusive ele é jornalista, eu utilizo como forma de texto, ilustração. As gravuras, as imagens que ele coloca nas obras dele. Eu utilizo como ponto de apoio para preparação das aulas (professora de escola pública, licenciada em Ciências Sociais).

Em seus pressupostos metodológicos, as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNs) sugerem que o trabalho pedagógico com a disciplina, ou seja, o ensino da Sociologia como saber escolar, seja realizado por meio de uma articulação entre *conceitos, temas e teorias*. Ainda que a ênfase do trabalho recaia em um dos recortes, eles devem “ser tomados como mutuamente referentes” (BRASIL.MEC/SEB, 2006).

As entrevistas realizadas com os professores de Sociologia da Grande Florianópolis revelam a necessidade, premente, de um desenvolvimento da reflexão e discussão coletivas no campo da metodologia do ensino de ciências sociais, que articulem as questões relacionadas às finalidades do ensino da disciplina, conteúdos a serem trabalhados e métodos de ensino. Isto porque os depoimentos dos professores, cerca de 40% não formados na área, apresentam concepções metodológicas bastante diferenciadas – e muitas vezes equivocadas – do ensino da Sociologia nas escolas de nível médio.

Alguns desses professores seguem incorporando em seus planejamentos de ensino as idéias inspiradas no Positivismo, que originaram a Sociologia como disciplina científica e escolar. Essas idéias, como se sabe, associaram a disciplina à moral e à ordem social, tratando-a como uma espécie de técnica racional de contenção de conflitos e de intervenção no comportamento social. Os professores, em seus depoimentos, referem-se ao trabalho didático com temas como drogas, sexualidade e gravidez na adolescência, violência etc., considerados problemas relevantes no ambiente social vivido pelos estudantes, com a finalidade de orientação comportamental. Essa concepção é muitas vezes adotada também pelas direções ou coordenadorias pedagógicas das escolas, que demandam dos professores da disciplina um

direcionamento dos conteúdos de ensino para temas e questões de ordem comportamental. Seguem alguns desses depoimentos:

Eu acredito que a Sociologia é uma disciplina que pode contribuir muito nas relações dentro da própria escola. Mas ela ainda precisa ser melhor trabalhada. Eu acho que conflitos aparecem, eles são normais, mas ela precisa ser melhor trabalhada (coordenadora pedagógica de escola pública).

Eu fiz um material que é uma coletânea de textos e eu procuro abordar principalmente os problemas que rodeiam a cabeça de um jovem, a questão da sexualidade, das drogas, a questão da convivência em grupo, a questão da cooperação, a questão das atividades que a gente pode chamar de cooperativas (professor de escola particular, licenciado em Geografia).

Eu procuro trazer pro meu plano de aula tudo aquilo que o nosso aluno precisa para se integrar na sociedade (professora de escola pública, licenciada em Filosofia).

Creio eu que tenha sim uma finalidade muito importante pela questão dos valores. Trabalhar com os valores é muito importante, porque estamos vendo que há uma perda muito grande de valores e conscientizar o aluno como lidar com situações que estão ocorrendo no mercado de trabalho, ações trabalhistas, movimento do MST, movimento das mulheres, do passe livre (professor de escola pública, licenciado em História).

Note-se que alguns alunos incorporam essas mesmas concepções sobre as funções da Sociologia como saber escolar:

Ajuda a entender as normas da sociedade (Instituto Estadual de Educação, 2ª. série, matutino).

A função da Sociologia é resolver os problemas sociais ou mesmo estabelecer a ordem social (Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi, 2ª. série, matutino).

Por outro lado, o trabalho docente que se volta para a aprendizagem, pelos alunos, dos fundamentos teóricos das ciências sociais, enfrenta obstáculos importantes. Além das questões relativas a condições de trabalho e formativas, já assinaladas, destaca-se a ausência de livros didáticos de Sociologia na grande maioria das escolas, o que dificulta a construção de um conhecimento sistemático das bases conceituais e teóricas das ciências sociais em sala de aula. Em diversas escolas privadas utilizam-se apostilas como material didático, nas quais, em geral, encontram-se sínteses superficiais e fragmentárias de conceitos e teorias sociológicas. Nas escolas públicas, na falta de

livros didáticos para uso dos alunos, muitos professores escrevem no quadro os conteúdos de ensino, que devem ser copiados, tornando monótona e cansativa a aula.

Na última década, acompanhando o revigoreamento das discussões sobre a presença disciplinar obrigatória da Sociologia, foram publicados diversos livros didáticos voltados para a disciplina no ensino médio. Esses manuais, organizados a partir de concepções metodológicas e de recortes pedagógicos diferenciados, não apresentam uma unidade também no que se refere aos conteúdos de ensino na área. Isto certamente em face do ainda insipiente amadurecimento da reflexão coletiva sobre conteúdos programáticos e metodologias, que devem nortear o trabalho pedagógico com a Sociologia nas escolas, em todo o país.⁷¹

Os livros didáticos de Sociologia tem sido utilizados, muitas vezes, como apoio ao trabalho docente do professor da disciplina. Alguns dos professores entrevistados servem-se de um desses manuais como guia absoluto e única fonte bibliográfica no planejamento e na preparação de aulas. Outros utilizam um ou mais livros didáticos como um recurso auxiliar, que se soma a outros materiais e recursos nas atividades pedagógicas de sala de aula.

É muito comum o trabalho didático descontextualizado na abordagem de conceitos e teorias sociológicos, transmitidos de modo linear e estático. Esse procedimento didático torna mais difícil o desenvolvimento de atividades reflexivas e criativas, que estimulem a participação ativa dos educandos no processo de apropriação do saber científico sistematizado. É ação docente que não propicia uma aprendizagem significativa, pela qual os sujeitos aprendentes reconstruam seus conhecimentos cotidianos, realizando sua aprendizagem a partir do que já sabem e refletindo criticamente sobre sua vida prática.

Pelo contrário, a atividade pedagógica que ignora o tempo histórico e as necessidades sociais que originaram os conteúdos de ensino, transmitindo-os como se fossem dogmas e buscando a memorização como finalidade principal do processo educativo, não responde às questões sociais da atualidade e impede que se desenvolvam as possibilidades formativas da Sociologia como disciplina escolar. É uma prática docente inteiramente desconectada dos interesses e da realidade social vivida pelos

⁷¹ Para uma análise de livros didáticos de Sociologia para o ensino médio, produzidos nas duas últimas décadas, ver: SARANDY, 2004 e TAKAGI, 2007. Uma abordagem do tema “trabalho” em alguns desses livros encontra-se em COAN, 2006.

educandos, que muitas vezes não percebem a relação entre os conteúdos de ensino e as necessidades de sua vida prática. As opiniões de alguns alunos entrevistados, que consideram cansativas as aulas de Sociologia, mesmo vislumbrando que a disciplina propicia reflexões mais qualificadas sobre a atualidade, podem exemplificar esses comentários:

A escola é regular, tem insuficiências, a Sociologia é uma matéria interessante, porém cansativa, a sociedade é muito alienada... Minha vida não é nada tranquila, mas sou feliz! (Colégio de Aplicação da UFSC, 1ª. série).

Não gosto muito da matéria. Apesar da mesma nos fazer refletir e compreender certos pensamentos atuais, acho a matéria monótona, tornando as aulas cansativas e demoradas (Escola de Educação Básica Simão José Hess, 2ª. série, vespertino).

É uma aula chata, mas faz com que aprendemos e compreendemos um pouco mais do mundo em que vivemos. Ela nos ensina a ser cidadãos decentes e faz com que deixemos de ser alienados, tendo nossas próprias opiniões (Escola de Educação Básica Getúlio Vargas, 2ª. série, noturno).

Em contrapartida, as atividades de pesquisa tem constatado o desenvolvimento de experiências pedagógicas criativas com a Sociologia nas salas de aula. Algumas dessas experiências inspiram-se na concepção sócio-histórica de aprendizagem (VYGOTSKI, 2001) e tratam os conteúdos de ensino como expressão de uma totalidade social complexa. Buscam explicitar as finalidades sociais dos conteúdos trabalhados, contextualizando-os e integrando-os ao dia-a-dia dos educandos. Ainda que limitadas pelas determinações sociais e históricas que marcam o sistema educacional brasileiro e invadem as escolas e salas de aula, essas experiências iluminam potencialidades educativas das ciências sociais e apontam para a necessidade de transformações estruturais da educação brasileira. A seguir, alguns depoimentos de estudantes da disciplina trazem dimensões dessas potencialidades:

Com as aulas de Sociologia nos conscientizamos do que acontece ao nosso redor (Colégio de Aplicação da UFSC, 1ª. série).

Muitas coisas que acontecem no meu dia-a-dia acabam passando despercebidas e as aulas de Sociologia me ajudam a perceber essas coisas e ter uma visão um pouco mais crítica (Colégio de Aplicação da UFSC, 1ª. série).

Tudo que acontece a minha volta é fruto de relações sociais presentes ou passadas e a Sociologia me ajuda a ver suas raízes e motivos (Colégio de Aplicação da UFSC, 1ª. série).

Quando comecei a ter esta disciplina não me interessava nem um pouco, talvez pelo fato de não saber bem do que se tratava. No segundo ano que já tinha a matéria encontrei uma professora que despertou minha atenção para a mesma. A Sociologia além de conscientizar, ensina e cria o valor crítico, nos ajuda a ter opiniões concretas e não baseadas em falsos acontecimentos (E.E.B. Henrique Stodieck, 3ª. série, noturno).

Fala de nossa sociedade e coisas do passado que nos fazem entender o nosso presente (E.E.B. Getúlio Vargas, 3ª. série, vespertino).

Nos anos 1950 do século passado, Florestan Fernandes defendia a viabilidade do ensino de Sociologia nas escolas de nível médio, ainda que se mantivesse a configuração do sistema educacional brasileiro, tal como ele se organizava na época. Todavia, dizia ele, para que efetivamente se realizassem as finalidades formadoras da educação pelas ciências sociais, deveriam ser modificadas a estrutura e as condições do sistema educacional brasileiro, no seu modo de funcionamento e na concepção pedagógica dominante (FERNANDES, 1980a, p. 105-125).

Nos dias de hoje, os desafios relativos ao ensino de Sociologia nas escolas, estão fortemente enredados a questões sociais mais amplas, que acompanham as transformações contemporâneas do capitalismo e atingem com gravidade a educação brasileira e seu sistema público de ensino. Nas suas particularidades, advindas das especificidades do trabalho pedagógico com as ciências sociais, a atividade docente com a disciplina de Sociologia no ensino de nível médio no país é também intensamente afetada pelos problemas estruturais de uma sociedade desigual, na qual ainda se reivindica a universalização da educação básica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB 38/2006*. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Ciências Humanas e suas Tecnologias, vol. 3. Brasília: MEC, 2006.

BOTTOMORE, T.; NISBET, R. (Orgs.). *História da análise sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

COAN, M. A Sociologia no ensino médio, o material didático e a categoria trabalho. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2006.

FERNANDES, F. Funções das ciências sociais no mundo moderno. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. (orgs.). *Educação e sociedade*. 9ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

_____. Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil. In: *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. O ensino de sociologia na escola secundária brasileira. In: *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980a, p. 105-125.

IANNI, O. A Sociologia numa época de globalismo. In: FERREIRA, L. (Org.). *A Sociologia no horizonte do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 1997.

_____. Sociologia do futuro. *Primeira Versão*, nº 100, Campinas: IFCH/Unicamp, 2001.

MACHADO, C. O ensino de sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar. *Revista da Faculdade de Educação*. 13 (1): 115-148. São Paulo: FE-USP, 1987.

MANCEBO, D. Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. In: *Educação e Sociedade*, vol. 28, n. 99. Campinas (SP): CEDES, maio/ago, 2007.

MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Trad. Ana Cotrim; Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

PIMENTA, S. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta, S. e Ghedin, E. (orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2ª. edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SARANDY, F. A Sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de Sociologia para o ensino médio no Brasil. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2004.

SEVERINO, A.; PIMENTA, S. Apresentação da coleção. In: Pimenta, S. e Lima, M. S. *Estágio e docência*. Col. Docência em Formação. São Paulo: Cortez, 2004.

TAKAGI, C. Ensinar Sociologia: análise de recursos do ensino na escola média. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, USP. São Paulo, 2007.

VYGOTSKY, L. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.